



NOTA ECONÔMICA



Confederação Nacional da Indústria

CNI. A FORÇA DO BRASIL INDÚSTRIA

Ociosidade da indústria poderá alcançar novo recorde em 2016

A ociosidade da indústria foi recorde em 2015 – um terço da indústria ficou parado – e 2016 começou com o uso da capacidade instalada (UCI) ainda menor. A elevada ociosidade traz uma série de dificuldades para a indústria, reduzindo sua competitividade, prejudicando suas condições financeiras e desestimulando investimentos. Assim, a possibilidade de manutenção do quadro de elevada ociosidade por mais tempo é preocupante.

A elevada ociosidade foi determinada pela queda da demanda, que teve início ainda no fim de 2013, principalmente em setores produtores de bens de maior valor. Ao longo dos anos seguintes, se espalhou por setores que fornecem para a indústria e, posteriormente, para setores de produtos de consumo não duráveis.

Esse problema permanece no início de 2016, de forma que a atividade industrial permaneceu baixa, com novas quedas da

produção e do emprego – ainda que em menor ritmo do que foi observado em 2015. Consequentemente, a utilização da capacidade instalada na indústria permaneceu muito baixa – no piso da série nos dois primeiros meses do ano e com melhora apenas discreta nos meses seguintes.

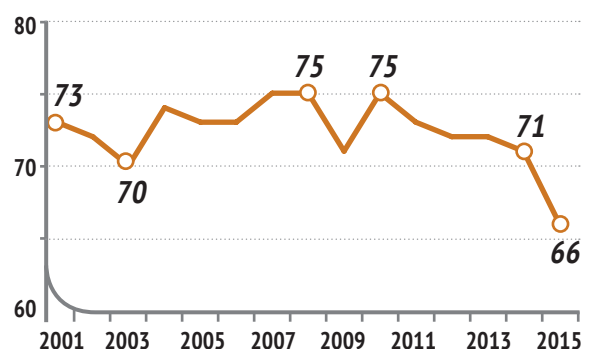
Ao término do primeiro semestre de 2016, percebe-se mudança nas expectativas dos empresários – a confiança do empresário está menos pessimista e as expectativas com relação à demanda tornaram-se positivas.

Caso as expectativas se confirmem, assistiremos ao início da redução da ociosidade nos próximos seis meses. Ainda que os estoques ajustados possibilitem uma resposta imediata da produção a uma recuperação da demanda, a retomada da produção será gradual. A deterioração da situação financeira das empresas não permite erros. Acúmulo

de estoques indesejados agravará ainda mais a situação das empresas, de modo que os empresários serão mais cautelosos na retomada da produção. Por isso, para o restante do ano, a tendência é de recuperação moderada da produção, com impacto limitado na UCI. A utilização deverá se manter em patamar baixo, próximo à registrada em 2015, de forma que a média anual fique um pouco abaixo da registrada em 2015.

Gráfico 1 – Utilização da capacidade instalada (média anual)

Percentual (%)



Nota: Entre 2001 e 2010, a pesquisa era realizada trimestralmente.

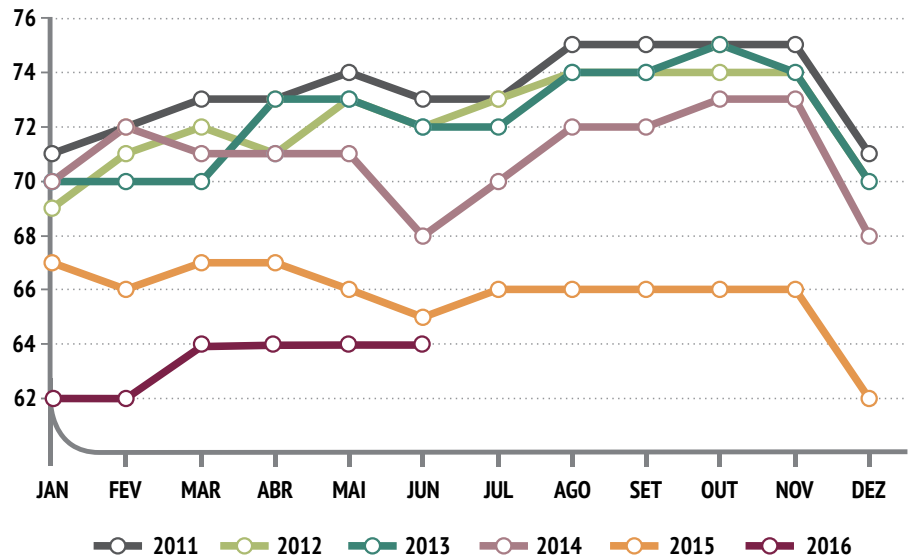
Ociosidade inicia 2016 muito elevada

A utilização média da capacidade instalada em 2015 foi 7 pontos percentuais (p.p.) inferior ao percentual médio dos 15 anos anteriores (2000-2014), 4 p.p. abaixo da menor média anual até então (70%, em 2003) e 9 p.p. inferior ao maior valor da série (75%).

Analisando os dados mensais, o gráfico 2 mostra que ao longo de todo o ano de 2015 a atividade industrial ficou abaixo do observado nos anos de 2011 a 2014. Em 2016, a UCI permanece baixa, inferior à observada em 2015.

Gráfico 2 - Utilização da capacidade instalada

Percentual (%)



Alta ociosidade traz vários efeitos nocivos para as empresas

A elevada ociosidade afeta negativamente as condições financeiras das empresas. Isso porque, em seu processo produtivo, a indústria muitas vezes incorre em custos fixos, ou seja, despesas que independem do número de unidades produzidas. Quando se produz pouco – muito abaixo da capacidade, como em 2015 – o custo fixo de produção é dividido por um número menor de unidades. Quando o custo por unidade produzida aumenta muito, sua produção pode se tornar inviável e forçar a empresa a fechar.

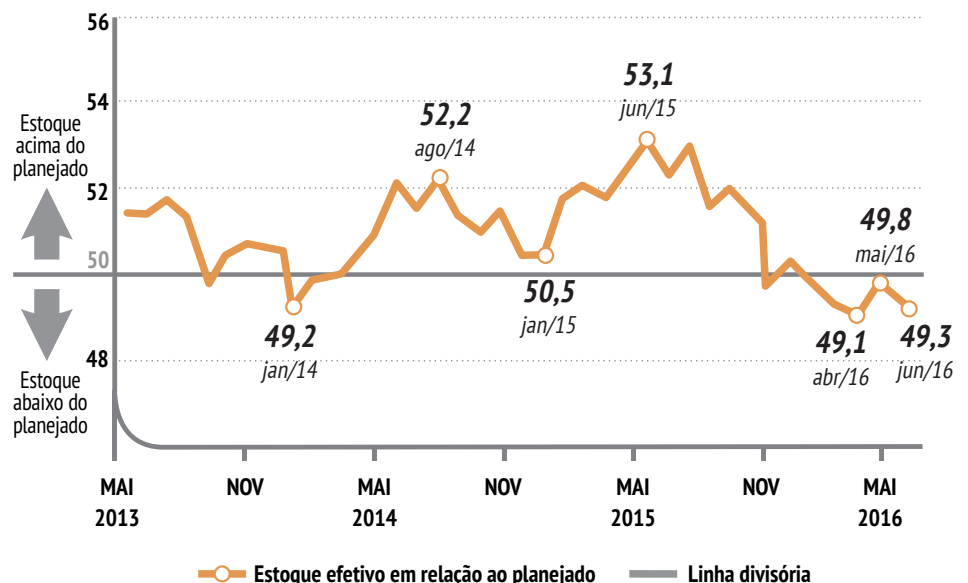
A baixa demanda, em um primeiro momento, causou uma elevação indesejada dos estoques. Segundo dados da Sondagem Industrial/CNI, os estoques ficaram acima do planejado na maior parte de 2015 e foram ajustados ao nível planejado apenas no fim do ano, depois de sucessivas reduções da produção (veja gráfico 3). A

manutenção dos estoques em patamares elevados também contribui para a deterioração das condições financeiras das empresas, especialmente pela

maior necessidade de capital de giro. Isso porque as empresas gastam com trabalho, insumos e matérias-primas no momento da produção e demoram mais tempo para obter o retorno financeiro com a venda dos produtos.

Gráfico 3 - Nível de estoque efetivo em relação ao planejado

Índice de difusão (0 a 100 pontos)



Fonte: CNI.

Indicador varia de 0 a 100. Valores maiores que 50 indicam expectativas de crescimento da demanda nos próximos seis meses.

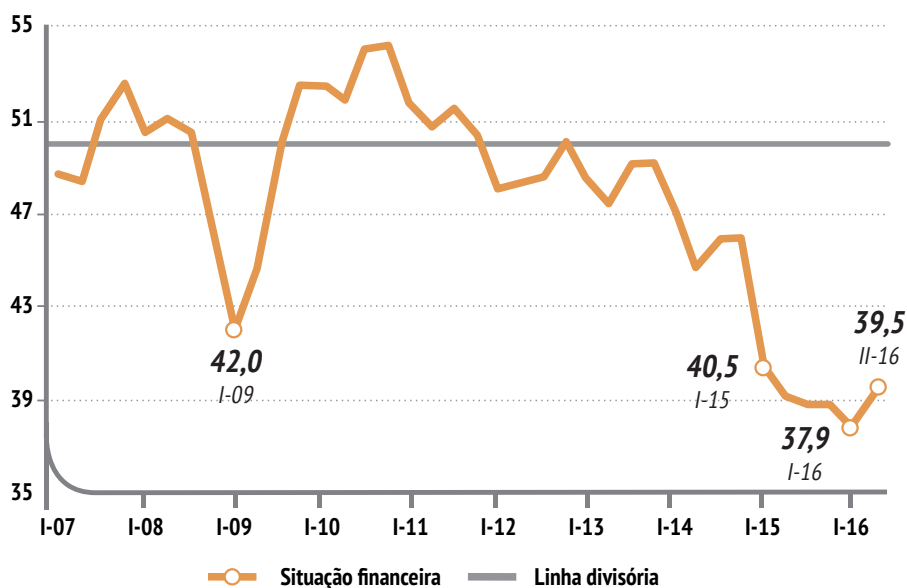
Dados da Sondagem Industrial mostram aumento da insatisfação com a situação financeira, como pode ser visto no gráfico 4. Situação similar se verifica com relação à satisfação com a margem de lucro operacional.

Destaca-se que ao longo de 2015 o índice de satisfação com a situação financeira reduziu, sucessivamente, o piso histórico (a série tem início em 2007). Os índices de 2015 são inferiores, inclusive, ao registrado no auge da crise financeira de 2009. No segundo trimestre daquele ano, o índice havia recuado para 42,0 pontos. Em 2015, o índice do primeiro trimestre foi de 40,5 pontos, recuando para 38,8 pontos no quarto trimestre. O índice do primeiro trimestre de 2016 foi de 37,9 pontos, o menor valor da série.

Além disso, o quadro de alta ociosidade inibe investimentos, afetando o crescimento da economia como um todo. O índice de intenção de investimentos, que integra a Sondagem Industrial/CNI, mergulhou nos primeiros três trimestres de 2015 e mantém-se muito baixo, como mostra o gráfico 5.

Gráfico 4 – Satisfação com a situação financeira

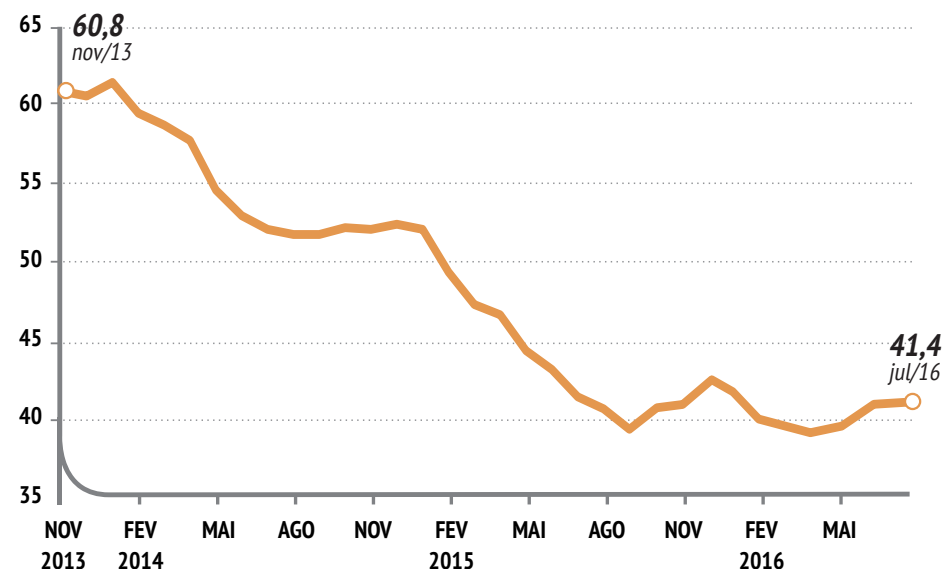
Índice de difusão (0 a 100 pontos)*



* O índice varia de 0 a 100 pontos. Valores maiores que 50 indicam satisfação com a situação financeira

Gráfico 5 – Intenção de Investimento

Índice de difusão (0 a 100 pontos)*



Fonte: CNI.

* O índice varia de 0 a 100 pontos. Quanto maior o índice, maior a propensão a investir da indústria.

Para obter mais informações sobre a capacidade instalada e como este percentual é calculado, veja o quadro na página 8.

Queda da demanda leva ao aumento da ociosidade

A queda da demanda é a principal razão para a elevada ociosidade do parque industrial. Hoje esse problema é uma realidade para a maioria da indústria, mas a queda da demanda se localizou inicialmente em alguns setores – sobretudo bens de maior valor – no fim de 2013 e início de 2014, disseminando-se pela indústria ao longo dos anos seguintes.

A Sondagem Industrial mostra que em alguns setores a falta de demanda/demanda interna insuficiente começou a ganhar importância entre os principais

problemas enfrentados pelas empresas no fim de 2013. Já no primeiro trimestre de 2014, nos setores Veículos automotores, Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e Equipamentos de informática produtos eletrônicos e ópticos, a falta de demanda já era apontada como um dos principais problemas enfrentados no trimestre, assinalado por 45%-50% das empresas de cada setor.

No terceiro trimestre de 2013, apenas 3 dos 29 setores considerados elegeram a falta de

demanda como o principal ou segundo problema enfrentado pela empresa. No quarto trimestre de 2013, esse número passou para 7 e alcançou 10 no primeiro trimestre de 2014.

Nos meses de junho e julho de 2014 foi realizada a Copa do Mundo no território brasileiro, que resultou em forte queda no comércio e na atividade industrial. Assim, a percepção de falta de demanda aumentou de forma brusca e disseminada pelos setores no final do segundo trimestre de 2014. A falta de demanda foi assinalada como principal ou segundo principal problema enfrentado pelas empresas de 21 setores.

Tabela 1 – Importância do problema de falta de demanda, por setor (2013–2014)

Posição no ranking de principais problemas enfrentados no trimestre

Demanda interna insuficiente (por setor)	I-13	II-13	III-13	IV-13	I-14	II-14	III-14	IV-14
Extração de minerais metálicos	8	8	10	11	10	4	4	4
Extração de minerais não metálicos	3	3	5	2	2	2	3	2
Produtos alimentícios	5	5	6	7	7	6	6	6
Bebidas	3	3	5	3	3	3	5	8
Produtos têxteis	2	2	4	2	4	2	2	2
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	4	2	5	4	5	2	4	3
Couros e artefatos de couro	4	3	6	4	6	3	3	3
Calçados e suas partes	3	3	2	2	3	2	2	2
Produtos de madeira	2	4	5	8	4	4	2	2
Celulose, papel e produtos de papel	4	4	6	4	4	2	3	4
Impressão e reprodução de gravações	1	2	3	3	1	1	2	2
Coque e derivados do petróleo	9	4	6	5	8	3	8	6
Químicos (Exceto HPPC)	4	4	7	5	4	2	2	4
Perfumaria, sabões, detergentes, produtos de limpeza e de higiene pessoal (HPPC)	5	4	6	6	5	2	2	5
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	9	5	8	5	2	3	3	6
Produtos de borracha	7	5	7	7	8	2	2	2
Produtos de material plástico	4	3	4	5	3	2	3	3
Produtos de minerais não metálicos	3	3	5	3	3	2	3	2
Metalurgia	3	3	4	3	3	2	2	2
Produtos de metal (exceto máquinas e equipamentos)	4	3	3	2	2	2	2	2
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e outros	3	2	3	3	2	2	2	1
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	2	3	2	6	1	2	2	2
Máquinas e equipamentos	5	5	4	7	2	2	2	2
Veículos automotores, reboques e carrocerias	5	4	3	2	2	1	1	1
Outros equipamentos de transporte	1	1	3	2	5	1	1	1
Móveis	2	2	2	2	2	2	2	4
Produtos diversos	3	3	3	3	2	2	3	3

Com o fim da Copa do Mundo, no terceiro trimestre de 2014, o problema de falta de demanda diminuiu, mas não voltou a se restringir apenas aos setores que já percebiam o problema no primeiro trimestre (Veículos automotores, Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos). A falta de demanda irradiou

para setores como Metalurgia, Produtos de metal e Borracha, que fornecem para os setores da indústria que já enfrentavam a queda da demanda há mais tempo e estavam com ociosidade crescente. A falta de demanda foi assinalada como principal ou segundo principal problema enfrentado por empresas de 15 setores.

Em 2015, a falta de demanda continuou a se espalhar: 19 setores apontaram o item como o principal ou o segundo principal problema no primeiro trimestre. A falta de demanda também atinge de maneira significativa os setores de bens de consumo não duráveis, como Vestuário e acessórios, Produtos de limpeza e higiene pessoal e Farmacêuticos.

O problema se disseminou entre mais setores ao longo de 2015 e iniciou 2016 como a principal ou a segunda maior dificuldade das empresas de 20 dos 29 setores considerados.

Tabela 2 – Importância do problema de demanda insuficiente, por setor (2015–2º trimestre de 2016)

Posição no ranking de principais problemas enfrentados no trimestre

Demanda interna insuficiente (por setor)	I-15	II-15	III-15	IV-15	I-16	II-16
Extração de minerais metálicos	6	5	9	10	9	8
Extração de minerais não metálicos	4	3	3	3	2	3
Produtos alimentícios	4	5	5	6	5	7
Bebidas	2	3	4	3	2	2
Produtos têxteis	1	3	1	2	2	2
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	1	1	2	2	2	2
Couros e artefatos de couro	3	3	2	2	3	2
Calçados e suas partes	2	2	1	2	2	2
Produtos de madeira	2	3	3	4	2	2
Celulose, papel e produtos de papel	4	3	2	2	3	2
Impressão e reprodução de gravações	1	2	1	1	1	1
Coque e derivados do petróleo	4	4	7	11	2	8
Químicos (Exceto HPPC)	1	1	3	1	1	1
Perfumaria, sabões, detergentes, produtos de limpeza e de higiene pessoal (HPPC)	2	2	5	4	6	2
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	2	1	4	7	4	7
Produtos de borracha	2	1	4	4	3	5
Produtos de material plástico	3	2	1	3	1	1
Produtos de minerais não metálicos	1	3	2	2	1	1
Metalurgia	1	1	1	1	1	1
Produtos de metal (exceto máquinas e equipamentos)	1	1	2	2	1	2
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e outros	1	1	2	1	1	2
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	1	1	1	1	2	1
Máquinas e equipamentos	1	1	1	1	1	1
Veículos automotores, reboques e carrocerias	1	1	1	1	1	1
Outros equipamentos de transporte	1	1	1	1	1	1
Móveis	4	1	2	2	2	1
Produtos diversos	2	2	1	1	1	2

Setores que perceberam a queda da demanda há mais tempo são os que mais aumentaram a ociosidade

Ao ajustar a produção à demanda cada vez mais fraca, a utilização da capacidade instalada foi se reduzindo. A análise dos diversos setores no período recente (2011-2015) revela aumento da ociosidade para praticamente toda a indústria.

A dinâmica segue a queda de demanda como descrito na seção anterior. Inicialmente, no fim de 2013 e início de 2014, a

ociosidade aumentou entre as indústrias de bens de consumo de maior valor e bens de capital. Nos meses seguintes, em especial após a realização da Copa do Mundo, a ociosidade aumentou em setores que fornecem para a própria indústria de transformação, como Metalurgia, Produtos de metal e Borracha, e que são fornecedores da indústria de construção, como Mineiros não-metálicos.

Finalmente, no fim de 2014 e ao longo de 2015, a ociosidade aumentou em setores de bens de consumo não duráveis, como Alimentos, Vestuário, Produtos de limpeza e higiene pessoal e Farmacêuticos.

Ao fim de 2015, a queda da UCI foi muito acentuada para uma série de setores, como se pode observar na tabela 3. Dos 29 setores considerados (27 da indústria de transformação e dois da indústria extrativa), cinco registraram quedas de 10 p.p. ou mais na comparação com a média dos anos anteriores (2011-14).

Tabela 3 – Evolução da utilização da capacidade instalada da indústria, por setor

Em pontos percentuais

	UCI média 2015 - UCI média 2014	UCI média 2015 - UCI média do período 2011-2014
INDÚSTRIA GERAL	-5	-6
IND. EXTRATIVA	-3	-3
Extração de minerais metálicos	2	0
Extração de minerais não metálicos	-5	-6
IND. DE TRANSFORMAÇÃO	-5	-6
Produtos alimentícios	-4	-4
Bebidas	-1	-1
Produtos têxteis	-6	-6
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	-6	-7
Couros e artefatos de couro	-4	-7
Calçados e suas partes	0	-1
Produtos de madeira	0	0
Celulose, papel e produtos de papel	-4	-5
Impressão e reprodução de gravações	-8	-8
Coque e derivados do petróleo	-3	-6
Químicos (Exceto HPPC)	-8	-8
Perfumaria, sabões, detergentes, produtos de limpeza e de higiene pessoal (HPPC)	-6	-5
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	-1	-3
Produtos de borracha	-4	-8
Produtos de material plástico	-5	-7
Produtos de minerais não metálicos	-7	-9
Metalurgia	-7	-10
Produtos de metal (exceto máquinas e equipamentos)	-8	-10
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e outros	-5	-8
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-2	-5
Máquinas e equipamentos	-9	-12
Veículos automotores, reboques e carrocerias	-11	-15
Outros equipamentos de transporte	-10	-11
Móveis	-7	-9
Produtos diversos	-4	-6

O setor Veículos automotores, um dos primeiros a perceber a queda de demanda, mostrou a maior redução na UCI: 15 p.p. em 2015 na comparação com a média entre 2011-2014. Além do aumento do desemprego e a redução na renda, a demanda por produtos do setor também foi negativamente afetada pelo aumento do custo do crédito e a falta de confiança do consumidor (são produtos que em muitos casos envolvem financiamentos de longo prazo). O setor registrou estoques acima do planejado em todo o ano de 2015, se ajustando ao planejado somente em dezembro, a exemplo do restante da indústria.

O setor Máquinas e equipamentos, que também começou a perceber diminuição da demanda ainda em 2013, também

registrou redução significativa da UCI, de 12 p.p. em 2015 na comparação com a média entre 2011-2014. Em seguida, Outros equipamentos de transporte com queda de 11 p.p. e os setores de Metalurgia e Produtos de Metal registraram redução de 10 p.p.. A forte contração dos investimentos e da atividade industrial explicam a retração da atividade desses setores.

Os setores Móveis e Minerais não metálicos mostram queda de 9 pontos percentuais, influenciados pela redução da atividade na indústria de construção.

Os bens de consumo não duráveis, os últimos a perceberem redução da demanda, registram queda na UCI menor que nos setores já citados, mas ainda significativa,

mas chegam a alcançar 7 p.p. de queda na mesma comparação em setores como Vestuário e Couros e artefatos.

Apenas nos setores Madeira e Extração de minerais metálicos a UCI média de 2015 é igual à média dos anos anteriores (2011-2014). A participação das exportações no faturamento do setor de Extração é bastante relevante (superando 80% segundo dados do Coeficientes de Abertura Comercial/CNI) e explica a manutenção da UCI e patamar elevado (73%, igual a média dos anos anteriores), mesmo com a baixa demanda doméstica.

O setor Madeira registrou UCI estável quando se compara 2015 e a média dos anos anteriores. O que ocorre é que a ociosidade está elevada há mais tempo. O setor, em que as exportações têm participação relevante, enfrenta dificuldades desde a crise imobiliária americana, que teve início em 2008 e reduziu significativamente as exportações do setor. A mudança no quadro doméstico, especialmente na construção civil, também afetou negativamente o setor. A média da UCI entre 2010-2014 é de 63%, idêntica a média de 2015.

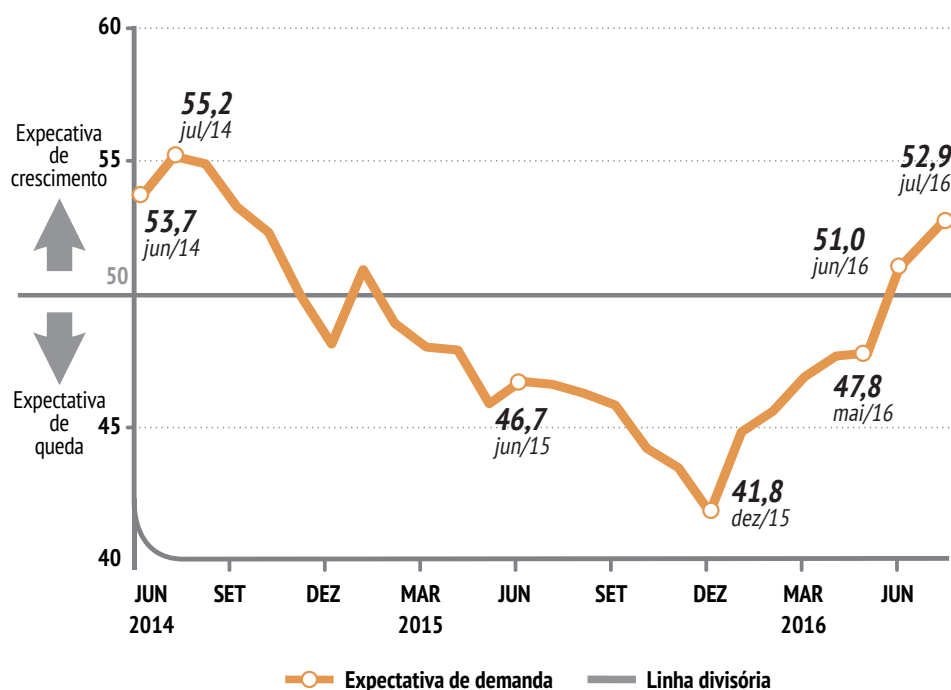
2016: redução da ociosidade?

A ociosidade começou 2016 bastante elevada. Nos meses de janeiro e fevereiro deste ano a UCI permaneceu em seu piso histórico, 62%. Nos meses seguintes, passou a 64%. Assim, a UCI média dos últimos 12 meses (julho 2015 - junho de 2016) está em 64%, 2 pontos percentuais abaixo da média de 2015.

Não há porque esperar novas quedas expressivas na UCI ao longo de 2016. Dados da Sondagem Industrial/CNI apontam que os estoques de produtos finais da indústria estão no nível planejado pelas empresas, diferentemente do que ocorreu na maior parte de 2015. Dessa forma, as empresas não precisarão reduzir fortemente a produção para evitar acúmulo de estoques indesejados.

Gráfico 6 – Índice de expectativa de demanda

Índice de difusão (0 a 100 pontos)



*Indicador varia de 0 a 100. Valores maiores que 50 indicam expectativas de crescimento da demanda nos próximos seis meses.



A confiança do empresário começou a mudar. O ICEI cresceu de maneira significativa nos últimos meses do semestre, em grande parte, devido a mudança de governo. A expectativa é de aumento da demanda nos próximos seis meses. O empresário não mostrava otimismo com relação à demanda futura desde janeiro de 2015.

Caso as expectativas otimistas se confirmem, veremos o aumento

da demanda e a redução da ociosidade no segundo semestre de 2016. Contudo, a recuperação da atividade pelos setores deverá ser lenta e gradual, por duas razões. Primeiro, todos os fatores que estão contraindo a demanda ainda se farão presentes até o fim de 2016: queda da renda, aumento do desemprego, aumento da inadimplência, taxas de juros elevadas e baixa confiança dos consumidores e empresários.

Em segundo lugar, em uma situação de situações financeiras debilitadas, o empresário terá mais dificuldades em manter estoques elevados caso a demanda esperada não se concretize, o que deverá gerar cautela na tomada de decisão para aumentar a produção.

Assim, a utilização da capacidade instalada deverá se manter em patamar baixo, próximo ao registrado em 2015 no segundo semestre, de forma que a média anual fique um pouco abaixo da registrada no ano passado.

Capacidade instalada e utilização da capacidade instalada

A capacidade instalada pode ser entendida como a capacidade máxima de produção de uma fábrica. Ou seja, é a quantidade de unidades de produto que as máquinas e equipamentos instalados são capazes de produzir.

O nível de utilização da capacidade instalada (UCI), por sua vez, é a relação entre o volume efetivamente produzido pela indústria e o que poderia ser produzido se todos os equipamentos da totalidade de fábricas ou unidades industriais estivessem em operação. Em outros termos, a diferença entre o volume efetivamente produzido e aquele que poderia ser produzido se houvesse plena utilização da capacidade instalada.

A UCI é apresentada em forma de porcentagem: o percentual reflete quanto do parque industrial que está sendo utilizado no mês. A Sondagem Industrial (www.cni.org.br/sondindustrial) mede mensalmente a utilização da capacidade da indústria desde janeiro de 2011. Entre 2001 e 2010, o levantamento era realizado trimestralmente.